

CULTURA E INTERCULTURALIDADES NA EJA

*Marina Graziela Feldmann (PUC-SP)**

<https://orcid.org/0000-0003-3008-2636>

*Ana Lúcia Pereira Nunes (UNEB-BA)***

<https://orcid.org/0000-0002-2295-0379>

*Helga Porto Miranda (UNEB-BA)****

<https://orcid.org/0000-0002-3609-4235>

RESUMO

Este artigo visa discorrer sobre a temática da interculturalidade na educação de jovens e adultos (EJA), assim como apresentar o mapeamento das pesquisas realizadas sobre este tema, por entendermos a relevância do respeito a diversidade cultural dos sujeitos que constituem a educação de jovens e adultos, assim como desenvolvermos um trabalho que contemple a cultura e a interculturalidade nesta modalidade. Partimos da afirmação que as culturas destes sujeitos da EJA, podem e devem ser contempladas em suas aprendizagens, e a interculturalidade deve estar contemplada nesse processo de construção. Apresentamos o mapeamento das pesquisas realizadas nos últimos vinte anos que trazem como temática a interculturalidade no contexto da EJA. A investigação adotou a abordagem qualitativa e como procedimentos realizamos um estudo bibliográfico e o mapeamento das pesquisas que estão circunscritas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Scileo e Dialnet, que discutem a temática em questão, onde encontramos apenas quatorze pesquisas que versam sobre a interculturalidade. Nossos referenciais foram Candau (2002, 2008), Freire & Faundez (1985), Candau e Moreira (2003), Vóvio (2009), dentre outros. Os resultados revelaram que a temática da interculturalidade no contexto da educação de jovens e adultos ainda é muito pouca pesquisada e debatida nesta modalidade da educação. No entanto resultados ressaltam a importância de trazeremos a este contexto as culturas que permeiam seus sujeitos e suas relação interculturais. Sujei-

* Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente e Pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Currículo da PUC/SP. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Cotidiano Escolar (CNpq). E-mail: feldmnn@uol.com.br; mgf@pucsp.br

** Doutora pelo Programa Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DEDC XV – Valença/BA. Membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Cotidiano Escolar – Coordenado pela Profa. Dra. Marina Graziela Feldmann. Bolsista do CNpq. E-mail: alpereira@uneb.br

*** Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-BA). Doutora em Educação: Currículo pela PUC/SP. Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela UNEB-BA. Membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Cotidiano Escolar – Coordenado pela Prof. Marina Graziela Feldmann. Bolsista CNPq. E-mail: helgaportopc@gmail.com; hmiranda@uneb.br

tos estes dotados de valores, experiências, vivências e culturas por muitas vezes ainda são invisibilidades na educação de jovens e adultos.

Palavras-Chave: Educação de jovens e adultos; Culturas, Interculturalidades.

ABSTRACT

CULTURE AND INTERCULTURALITY IN YAE

This article aims to discuss the interculturality in youth and adult education (EJA), as well as to present the mapping of researches on this topic, due to the relevance of respecting the cultural diversity of the subjects from youth and adult education. It also aims to develop a work that consider culture and interculturality in this modality. We start from the statement that the culture of YEA students, can and should be considered in their learning, and the interculturality must be part of the learning construction. We present the mapping of the researches carried out in the last twenty years which focus on the interculturality the YAE context. The investigation applied the qualitative approach and, as procedures, we carried out a bibliographic study and the mapping of the researches that are circumscribed in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, in Scileo and Dialnet, which discuss the issue in question, where we found only fourteen studies that deal with interculturality. Our references were Candau (2002, 2008), Freire & Faundez (1985), Candau and Moreira (2003), Vóvio (2009), among others. The results revealed that the theme of interculturality in the context of youth and adult education has been little researched and debated in this modality of education. However, the results highlight the importance of bringing the cultures that permeate these people and their intercultural relations to this context, since they have values, experiences and cultures, still invisible for the education of young people and adults.

Keywords: Youth and adult education; Cultures, Interculturalities.

RESUMEN

CULTURA E INTERCULTURALIDADES EN LA EJA

Este artículo tiene como objetivo discutir la temática de la interculturalidad en la educación de jóvenes y adultos (EJA), así como presentar el mapeo de las investigaciones realizadas sobre este tema, ya que entendemos la relevancia de respetar la diversidad cultural de los temas que constituyen la educación de jóvenes y adultos, así como desarrollar un trabajo que contemple la cultura y la interculturalidad en esta modalidad. Partimos de la afirmación de que las culturas de estos sujetos de la EJA, pueden y deben ser contempladas en sus aprendizajes, y la interculturalidad debe estar contemplada en ese proceso de construcción. Presentamos el mapeo de las investigaciones realizadas en los últimos veinte años que tienen la interculturalidad como tema en el contexto de la EJA. La investigación adoptó el enfoque cualitativo y, como procedimientos, reali-

zamos un estudio bibliográfico y el mapeo de las investigaciones que se circunscriben en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones, en Scileo y Dialnet, que discuten el tema en cuestión, donde encontramos sólo catorce estudios que tratan sobre interculturalidad. Nuestras referencias fueron Candau (2002, 2008), Freire & Faundez (1985), Candau y Moreira (2003), Vóvio (2009), entre otros. Los resultados revelaron que el tema de la interculturalidad en el contexto de la educación de jóvenes y adultos aún es muy poco investigado y debatido en esta modalidad de educación. Sin embargo, los resultados resaltan la importancia de traer a este contexto las culturas que permean sus sujetos y sus relaciones interculturales. Los sujetos dotados de valores, vivencias, vivencias y culturas a menudo siguen siendo invisibles en la educación de jóvenes y adultos. **Palabras clave:** Educación de jóvenes y adultos; Culturas, interculturalidades.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa percorrer sobre a temática da interculturalidade na educação de jovens e adultos (EJA), assim como apresentar o mapeamento das pesquisas realizadas sobre esta temática, por entendermos a relevância do respeito a diversidade cultural dos sujeitos que constituem a educação de jovens e adultos, assim como desenvolvermos um trabalho que contemple a cultura e a interculturalidade nesta modalidade.

Abordamos as relações de cultura e interculturalidade no contexto da EJA, assim como os autores de referência que debatem na atualidade as questões relacionadas esta modalidade e o trabalho desenvolvido neste contexto com tantas especificidades, diversidade e interculturalidades.

Realizamos a busca dos trabalhos realizados nos últimos vinte anos, que estão inscritos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no site Scielo, no Dialnet e no Relatório Retratos da EJA em São Paulo/2020, que versam sobre a cultura e a interculturalidade no contexto da educação de jovens e adultos, com o intuito de debater a temática, ressaltando a acuidade do respeito as culturas de cada ser humano,

respeito a diversidade, aos valores, e saberes dos sujeitos que frequentam as salas de EJA.

METODOLOGIA

O levantamento das pesquisas correlatas é um instrumento metodológico para a construção do objeto de pesquisa e aprofundamento das pesquisas realizadas, com o intuito de aprofundamento teórico. Entende-se que é relevante ler o que já foi pesquisado, escrito ou pensado sobre o tema proposto na pesquisa, e sondar os domínios teóricos que podem esclarecer questões relativas ao objeto a ser estudado.

Com o propósito de obter maiores informações acerca do tema a ser pesquisado realizamos o levantamento das pesquisas correlatas, que esteve circunscrito às produções científicas disponíveis na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da (BDTD), identificamos as dissertações e teses que versaram sobre os saberes e a interculturalidade na EJA, destacando principalmente as que se referem a educação escolar pública na modalidade da educação de jovens, adultos e idosos. Para

realização da pesquisa fizemos um recorte temporal dos últimos vinte anos, do ano 2000 ao ano de 2020.

Em nossa busca utilizamos inicialmente a palavras-chave: Cultura; Interculturalidades; educação de jovens e adultos. Encontramos no BDTD, apenas 14 trabalhos, sendo 1 tese e 13 dissertações. Essas pesquisas aventavam das temáticas sobre as propostas curriculares intercultural, a perspectiva intercultural em Freire, pluralidade cultural na EJA, o reconhecimento da cultura na EJA, o ensino da língua na Eja e os saberes populares na EJA, todos trazem as questões culturais e interculturais no centro do debate.

Ampliamos a busca para o Scientific Electronic Library Online (SCIELO), encontramos apenas um artigo que versa sobre: O discurso curricular intercultural na educação de jovens e adultos e a produção de subjetividades, do ano de 2012.

Posteriormente pesquisamos no portal Dialnet, que consta trabalhos realizados na América Latina, não encontramos nenhum trabalho com a temática da educação de jovens e adultos e interculturalidades.

E por fim trouxemos o trabalho de Rotoulo (2020), que consta no Relatório Retratos da EJA em São Paulo – Histórias e Relatos da prática, publicado neste ano de 2020, que aborda a interculturalidade no contexto do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) da Escola Emílio Vanzolini, que é uma Unidade Educacional que atende jovens, adultos e idosos, nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, na cidade de São Paulo.

Para analisarmos estas pesquisas, buscamos identificar as seguintes questões: O que dizem as pesquisas sobre a temática? Qual as ênfases nos estudos? Que temáticas vêm sendo pesquisadas? Que metodologias

estão sendo utilizadas? Que considerações trazem essas pesquisas? Apresentaremos o que investigamos nas pesquisas realizadas.

CULTURA E O ESPAÇO DE INTERCULTURALIDADE NA EJA

Para compreendermos a educação no contexto da diversidade, faz-se necessário compreendermos a cultura e fazer usos dela. Para Freire & Faundez (1985, p.34) a concepção de cultura é ampla,

A cultura não é só a manifestação artística ou intelectual que se expressa no pensamento. a cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. cultura é comer de modo diferente, é dar a mão de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo (...). cultura para nós são todas as manifestações humanas; inclusive o cotidiano, e é no cotidiano que se dá algo essencial: o descobrimento da diferença.

A cultura está presente em todos os lugares que frequentamos, vivenciamos, se faz atual, é real, dinâmica, dialógica, representa seu povo, sua gente, sua forma de viver, de expressar-se, e conviver.

Para Candau (2002), a cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico, entendida como tudo aquilo que é produzido pelo ser humano, que não é privilégio de certos grupos sociais. Para a autora, a cultura é o atual contexto da globalização, as culturas por não serem um fenômeno estático, sofrem influências diversas, se modificando a todo o momento. Assim entendemos que temos culturas, diversas, não uma sobrepondo a outra e sim culturas diferentes que se interrelacionam, se complementam e se diferem. (CANDAUI, 2020).

Na declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, debate que a cultura adquire diversas formas através do tempo e do espaço, ressalta que:

Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública. (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002, p.2)

Ou seja, define como patrimônio da humanidade esse pluralismo cultural, diversidade cultural. E estas possibilidades de cultura, não podem está a parte do contexto da escola, não podem e nem devem ser desconsideradas no contexto da EJA, que é permeada de sujeitos de culturas. Assim em um contexto democrático o pluralismo cultural, a interculturalidade, nos alimenta, nos constitui, nos faz diferentes, nos acrescenta. Nos enobrece.

Segundo Candau (2002), pensar a educação escolarizada a partir da perspectiva cultural é um dos maiores desafios da atualidade e consiste em buscar modalidades de práticas pedagógicas que possibilitem a convergência de dois movimentos contraditórios em curso.

Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre esta temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição 63 cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados. (CANDAU & MOREIRA, 2003, p.159.)

De tal modo, o contexto da educação, da escolar, está intercalado à dimensão cultural e se constitui em um espaço social formado por complexas redes de interações, apresentando multiplicidades de significados, gêneros, etnias, religiões, valores, culturas. Não dá para pensarmos a educação de jovens e adultos, sem pensar e valorizar suas culturas, especificidades.

No entanto, Candau (2008) nos aponta que estamos vivendo um momento de estranhamento e de confronto intenso nas relações estabelecidas entre educação e cultura. Nos coloca ainda que durante longo tempo, vivemos uma instituição escolar construída sobre a afirmação da igualdade, ressaltando a base cultural comum a que todos os cidadãos deveriam ter acesso e colaborando na sua permanente construção. Ou seja, desconsidera as diversidades e a interculturalidade em que estamos submersos.

Corroboramos com Arroyo (1996, p. 43), quando nos afirma que:

Apesar dos avanços que tivemos no reconhecimento da diversidade presente na nossa sociedade e em nossas escolas e da diversidade nos processos de construção e apreensão do conhecimento, nosso comportamento continua linear. Não fomos preparados para

tratar profissionalmente essa diversidade nem para entendê-la. Falta-nos uma leitura teórica do peso da diversidade sócio-cultural nos processos de aprendizagem. (...) O que já está sendo feito para incorporar essa diversidade em nossas propostas pedagógicas? O que está sendo inovado nas escolas para darem conta dessa diversidade?

Para o autor, não estamos aptos, ou fomos formados, preparados para tratarmos dessa diversidade cultural em nossas propostas pedagógicas. Ainda nos falta a compreensão, e o estudo aprofundado de que é cultura, como ela se dá em nossas vivências e experiências educacionais, e como se faz importante que está se faça presente em nossas relações, na escola, na sociedade. Somos diferentes e diversos, e o respeito ao ser humano inconcluso, diferente é primordial na sociedade em que vivemos.

As questões relacionadas a diversidade cultural, é relativamente nova e debatemos e estudamos agora, assim a escola pode construir uma nova forma de respeitar e valorizar as culturas existentes, já que estamos em contato com ela a todo momento.

Segundo Vóvio (2009, p.84), a cultura está presente: “no modo como se expressam, nos significados que atribuem ao processo de aprendizagem, no modo como percebem a si mesmos e aos outros, nos interesses que possuem, nas questões que afetam sua vida e no modo como se posicionam socialmente, entre outros.” Para a autora, pessoas jovens e adultas são portadoras de cultura e produzem cultura, o que exige, por um lado, identificar os conhecimentos, os valores, as representações, as expectativas e habilidades que possuem, e, por outro, investigar as situações que vivenciam e como participam delas, o contexto em que estão inseridas e as atividades a que se dedicam.

Vivemos e construímos nossas aprendizagens entre culturas, embebidos por essa diversidade que nos afeta e nos constitui. Precisamos perfilar que os alunos e alunas da EJA, possuem patrimônios culturais relacionados às suas narrativas, suas vidas em comunidades, aos grupos sociais a que pertencem, ao contexto em que vivem.

Já a discurso pela interculturalidade, contrapõe-se às formas homogeneizadoras dos processos educativos, principalmente na modalidade EJA, por apresentar e problematizar experiências dominantes de currículos monoculturalistas, ao mesmo tempo em que produz subjetividades de classe, gênero, raça, etnia. Nessa perspectiva compreendemos que há uma procura pela valorização e assentimento das diferenças através do diálogo e comunicação interculturais.

O conceito de intercultural traz em seu cerne a questão da reciprocidade e pode-se ser encontrado e observado em discussões nas áreas da aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas. Nesse sentido, a perspectiva intercultural não pode ser considerada como exclusivo do domínio pedagógico, mas também como uma atitude humanista que almeja o diálogo, o respeito pelas diferenças e a compreensão mútua.

Se observarmos dentro do âmbito educacional, o interculturalismo tem sua base principalmente nos processos educativos reflexivamente concebidos, os quais promovem o pluralismo e a igualdade de oportunidades educativas e sociais. Para Vieira (1995, p.143),

O modelo intercultural implica uma dialética em constante contradição: assegurar a diferença e simultaneamente não a sustentar. [...] O interculturalismo implica não somente reconhecer as diferenças, não somente aceitá-las, mas – e o que é mais difícil – fazer com que elas sejam a origem de uma dinâmica de criações novas, de inova-

ção, de enriquecimentos recíprocos e não de fechamentos e de obstáculos ao enriquecimento pela troca.

Nesta perspectiva a educação intercultural no contexto da educação de jovens e adultos, deve possibilitar a ultrapassar o etnocentrismo sociocultural, levando em consideração uma educação global, as situações nas quais os indivíduos envolvidos sejam pertencentes a culturas multilíngues e pluriculturais, assegurando a educação aos trabalhadores, excluídos do processo educacional, os de classes menos favorecidas, correspondendo às suas necessidades específicas.

Pode proporcionar aos jovens e adultos a compreender que conviver com as diferenças, valorizar culturas, a diversidade, as diferenças é uma possibilidade de construção de conhecimento e de Com-vivência, ou Viver-Com.

Segundo Peres (1999, p. 67) a educação intercultural apresenta-se como:

[...] como um projeto educativo que valoriza a diversidade sociocultural, ao mesmo tempo que aposta na reanimação da cultura: encontro, relação, convivência, festa, alegria, fantasia e comunicação. [...] um projeto em construção, uma força dinamizadora da vida que, partindo do topos cultural, permitirá um caminho mais humanizante para as mulheres e para os homens.

A educação intercultural busca valorizar a diversidade sociocultural, a possibilidade de diálogo, da humanização nas relações, da convivência e junção entre culturas, valores, religião. Criando-se uma cultura de paz, de empatia ao outro, de tolerância, o respeito ao outro e à diversidade.

Propor uma educação que possibilite o reconhecimento das representações diversas de valores, de conhecimento, de aprendizagem, e de reconhecimento das diversos

direitos e culturas. Pensando a educação sob a ótica da interculturalidade, Candau (2008) defende uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre diferentes grupos culturais e sociais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU, 2008, p.23).

Assim compreendemos a educação no contexto da educação de jovens e adultos, que respeite as diferenças, que reconheça e respeite o ser humano, que se humanize, que inclua. Que se alicerce no diálogo, no respeito as diferenças, a diversidade, aos contextos interculturais.

No entanto o que nos apontam as pesquisas realizadas no contexto da Eja que abordam a interculturalidade? É o que apresentamos a partir de agora.

PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÚLTIMA DÉCADA SOBRE INTERCULTURALIDADES NA EJA

Ao iniciarmos a pesquisa na Plataforma do BDTD, já calhamos que haviam poucas pesquisas no campo da educação de jovens e adultos que abordavam a interculturalidade, assim ampliamos nossa busca para o site do Scielo, onde encontramos apenas um artigo, já no Dialnet, nos surpreendemos que apesar de haver artigos que abordavam a temática da educação de jovens e adultos, não havia nenhum artigo com a temática da interculturalidade, o que identificamos com a carência de pesquisas que abordem essa temática, no contexto da EJA.

Identificamos que estas pesquisas forma realizadas nas Universidades: Universidade

Federal Rural do Rio de Janeiro (3), Universidade Estadual da Paraíba (2), Universidade Federal do Pernambuco (1), Universidade federal de Santa Catarina (2), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1), Universidade Federal de Goiás (1), Universidade federal do (1), Universidade federal da Grande Dourado(1), Universidade Federal de Santa Maria (1), e a Universidade Federal do Pampa (1).

Os trabalhos encontram-se vinculados aos Programas de Pós Graduação em: Educação, Formação de Professores, Literatura e Interculturalidade, Educação Agrícola e Ensino de Línguas. Quanto as áreas apresentam-se ligados a: Ciências Humanas, Ciências da Educação, Agronomia, Linguística.

Iniciamos com a pesquisa de Bosco (2015), que buscou responder às seguintes perguntas: Quais os discursos sobre evasão que se constituem na voz dos alunos evadidos da EJA? Como estabelecer diálogos entre evadidos e alunos da EJA no desenvolvimento de atividades pedagógicas com as linguagens?

Realizou uma pesquisa qualitativa, interpretativista e pesquisa-ação, com embasamento na Linguística Aplicada. Ouviu o relato dos evadidos, para elencar os motivos que os levaram à evasão analisando e interpretando as linguagens verbais e não-verbais dos discursos, bem como, para evidenciar alguns aspectos culturais, incluindo suas trajetórias de escolarização, que constituem suas identidades.

Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância do diálogo entre os sujeitos pesquisados. Também, a relevância do trabalho com gêneros discursivos na sala de aula, pois trabalhou a diversidade cultural a partir dos discursos interculturais legitimados pelas situações reais de interlocução, enriquecendo a proposta com as linguagens

e com a formação crítica dos sujeitos por intermédio dos posicionamentos de suas identidades.

Por fim, identificou que o professor que atua junto aos alunos da EJA, podem produzir e implementar atividades didáticas que aliem os interesses dos discentes, contemplem suas culturas e estabeleçam situações legítimas de interlocução entre os sujeitos escolares. Ou seja, atividades que contemplem as culturas diversas desses sujeitos, a interculturalidade.

Já o trabalho de Hennicka (2012), apresentou como objetivo investigar quais as contribuições e a atualidade das ideias e proposições epistemológicas Freireanas para a Educação de Jovens e Adultos.

Para o desenvolvimento da pesquisa adotou a abordagem metodológica de cunho qualitativo, utilizando a pesquisa do tipo bibliográfica, realizou um mapeamento do cenário histórico da Educação de Jovens e Adultos, tendo como referência histórica e epistemológica a proposta de alfabetização de adultos idealizada por Paulo Freire.

Identificou que os estudos de Freire trazem muitas contribuições para a EJA, e uma delas é sua proposta de alfabetização de adultos. Pois, está se diferenciando das propostas que tivemos e/ou temos, que propunham unicamente a codificação/decodificação da leitura e da escrita, desvinculada da realidade, da cultura e das necessidades dos(as) alfabetizando(as), a proposta de Freire vai além, propõe a leitura da palavra e do mundo.

A pesquisadora realiza uma aproximação, por meio de um paralelo, entre essa proposta Freireana e a EJA como ela se apresenta no atual cenário educacional brasileiro, demonstrou a atualidade das contribuições de Paulo Freire para a referida modalidade. Também realizou apro-

ximações entre a proposta Freireana e a perspectiva intercultural de educação, procurando identificar as contribuições de ambas para a formação dos professores(as) da EJA na atualidade.

Para Hennicka (2012), a contribuição da pesquisa ficou centrada na atualidade das contribuições de Paulo Freire para a EJA, as quais instigam o(as) educadores(as) a (re)criar, (re)inventar, (re)descobrir formas de (re)educar nossos jovens e adultos.

Lendo os escritos de Freire e de interlocutores, compreendi que a proposta de alfabetização de adultos freireana, era diferente das demais propostas que tivemos/temos, as quais propunham somente a codificação/decodificação da leitura e da escrita, desvinculada da realidade, da cultura, e das necessidades dos alfabetizandos. (HENNICKA, 2012, p. 125).

A autora, aponta a relevância de desenvolvermos o processo de alfabetização de adultos, vinculadas à realidade, e a cultura dos sujeitos da EJA, aponta este como um dos diferenciais da proposta freireana. Contemplar a leitura do mundo desses sujeitos de direito, construir com ela a leitura da palavra, mas também a leitura do mundo.

Já Araújo (2016), buscou identificar e compreender como os aprendizes de língua inglesa (LI) do Ensino Fundamental de Jovens e Adultos, e sua respectiva professora atribuem significados culturais à LI e ao seu ensino e aprendizagem; investigou também os significados culturais interferem na dinâmica da sala de aula.

Realizou uma pesquisa etnográfica, com observação, entrevistas com os participantes do estudo em situações reais, registro das aulas em áudio e em vídeo para que pudesse analisar as interações, bem como fez anotações do campo pesquisado e diário reflexivo, a fim de responder as perguntas do estudo.

Nas considerações finais identificou que há algumas compreensões culturais diferentes sobre o que é aprender/saber LI para a professora e para seus alunos. Percebeu que há diferentes expectativas sobre os papéis que esses participantes devem assumir na sala de aula de língua estrangeira, pois, enquanto a professora idealiza um aluno autônomo, ativo e seguro, o aprendiz, por sua vez, apresenta-se como isento da responsabilidade no processo complexo de aprendizagem, visto atribuir essa responsabilidade a outrem.

Compreendeu que as diferentes posturas e compreensões culturais acerca do processo ensino-aprendizagem de LI decorrem da posição sociocultural que cada um desses participantes ocupa na sociedade. Observou que o estudo direcionou a refletir sobre a importância de desenvolver uma consciência a respeito de uma abordagem intercultural em sala de aula, além de compreendermos os papéis de professores e alunos neste mesmo espaço.

Vieira (2011), abordou o tema da EJA, no ensino médio supletivo noturno, procurou compreendê-la na perspectiva do multiculturalismo crítico, sob a ótica da interculturalidade. Como objetivo buscou analisar se os(as) professores(as) do Colégio Arpoador reconhecem e trabalham com a realidade heterogênea dos(as) alunos(as), e levou em consideração as práticas pedagógicas, o currículo e a construção da(s) identidades dos(as) alunos(as), além de buscar identificar as possíveis contribuições de uma educação intercultural para essa modalidade.

Realizou uma pesquisa qualitativa, prioritariamente um estudo de caso, em um Colégio Estadual do Estado do Rio de Janeiro, denominado Colégio Arpoador. Foram selecionadas como estratégias metodológicas a revisão de bibliografia, a observação, análi-

se documental e a entrevista semiestruturada com os professores.

Os resultados indicaram que os professores reconhecem a grande diversidade cultural dos(as) alunos(as). No entanto, essa realidade não parece ser referência para pensar suas práticas pedagógicas e a seleção do currículo. Para a autora:

A educação intercultural não parece ser uma prática conhecida pelos(as) professores(as), mas foi possível perceber um esforço dos(as) mesmos(as) em compreender do que ela trata e como poderia ser promovida no cotidiano escolar. A partir dos resultados, a pesquisa procurou apontar dificuldades encontradas na EJA de ensino médio e sugerir caminhos de renovação, partindo do princípio que a educação intercultural é capaz de trazer múltiplos benefícios para esta realidade. (VIEIRA, 2011, p.05).

Para os professores ainda é novo trabalhar com as questões culturais na sala de aula, ainda parece algo distante, o foco ainda é no conteúdo. A interculturalidade apesar de se fazer presente, está no cotidiano docente, não consta nas atividades desenvolvidas pelos professores, aparece ainda como uma necessidade formativa do professor. Corroborando Com Arroyo (1996), quando nos afirma que ainda não estamos preparados para trabalhar com a diversidade cultural e ainda carecemos de aprofundamento nos estudos, que as escolas ainda não estão trabalhando estas temáticas, por falta de conhecimento e/ou formação.

Silva (2016), realizou sua pesquisa na reserva indígena Te"Yikue localizada no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul, demarcada em 1924, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) com 3.600 hectares e uma população de mais de 4.000 indígenas Kaiowá e Guarani.

Seu estudo teve como objetivo analisar as características do ensino de Geografia na

educação escolar indígena deste município visando identificar os limites e possibilidades da Geografia trabalhada em relação à educação intercultural.

Seu contexto foi a Secretaria de Educação do município de Caarapó no ano de 2015, e concentrou no Ensino Fundamental ofertado na Escola Municipal Ñandejara Pólo, localizada na reserva indígena Te"Yikue.

Fez uma pesquisa qualitativa e através da análise de documentos, realizou a leitura e análise do projeto político pedagógico da referida escola a fim de identificar seus principais objetivos e características em relação ao currículo e em relação à educação intercultural; realizou entrevistas semiestruturadas com os coordenadores e com os professores, assim como fez a observação de algumas aulas de Geografia no intuito de identificar em que medida a Geografia trabalhada contribuiu para a efetivação da interculturalidade.

Nas considerações identificou que a escola desde de 1997, já vinha trabalhando numa perspectiva diferenciada, e isso refletiu nas práticas dos professores, nas quais identificou que apesar de se trabalhar ainda com conteúdo universais os professores de Geografia buscaram construir mecanismos outros, apresentando assim, devires possíveis dessa disciplina auxiliar na construção de diálogos interculturais. Para Silva (2016, p.110),

Além do mais, as condutas destes profissionais, em nosso entendimento, também proporcionam a possibilidade da contribuição da Geografia para a construção de uma educação intercultural já que por meio de suas práticas estes buscam produzir novas possibilidades de trabalhar a geografia maior, para que assim, possam estabelecer a certo modo um diálogo com os elementos da vivência, da cultura e da realidade dos Guarani e Kaiowá da Reserva Te" Yikue. Sendo assim, consideramos que as atividades propostas e

acima descritas foram construídas com propósitos de dialogar com o contexto étnico e cultural dos estudantes indígenas estabelecendo pontes de ligação entre o que é estudado com a realidade vivida na reserva

Ou seja, através das atividades na disciplina de Geografia, os professores conseguiram um diálogo entre a vivência dos alunos, suas culturas, e a realidade dos índios. Houve um diálogo permanente entre a disciplina e o contexto da realidade da reserva indígena.

Fomos identificando que as questões interculturais são também interdisciplinares, estão na disciplina de geografia, nas questões linguísticas, na matemática, na língua portuguesa, nas línguas estrangeiras, enfim, a interculturalidade está em todas as questões curriculares.

Barros (2013), analisou a viabilidade da metodologia em alternância, para a oferta do curso técnico em Agricultura do Campus Amajari/IFRR na comunidade indígena Guariba, Estado de Roraima, através do diálogo com educação indígena, no sentido de garantir o acesso à formação profissional e respeitando as peculiaridades locais. Verificou a demanda local, pela formação profissional com a permanência do estudante no seu espaço cultural.

Realizou a revisão da literatura sobre a pedagogia da alternância, educação profissional e educação indígena. Neste estudo, empregou a abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, entrevistas e observações no espaço comunitário, através da pesquisa do tipo etnográfico e usou como instrumentos de coleta de dados, como: diário de campo, roteiro de entrevista e máquina fotográfica, para registro dos encontros.

Os sujeitos da pesquisa foram: 05 alunos, 01 gestora/diretora, 01 tuxaua e 06 professores da Escola Est. Indígena Manoel Horá-

cio, 01 coordenador de curso, 01 diretor de ensino do Campus Amajari.

Na conclusão, percebeu a necessidade de consolidação da proposta pedagógica do IFRR/Campus Amajari, que recriem ações e estratégias didático-pedagógicas a partir das reflexões dos contextos locais/sujeitos, redimensionado a prática profissional dos docentes indígenas e da instituição citada acima. Identificou também que:

Aqui verificamos uma reflexão sobre o potencial comunitário quanto à área geográfica, bem como, os docentes demonstram suas preocupações sobre a parceria entre Instituição e comunidade. Portanto, conhecendo as dificuldades culturais e metodológicas dos profissionais deste estabelecimento de ensino, uma vez que são oriundos de outros 64 estados e alguns não tinham experiência no magistério, percebemos que os mesmos têm buscado apropriar-se dentro das possibilidades existentes, da proposta pedagógica na perspectiva da pedagogia da alternância no processo de ensino-aprendizagem, numa relação de troca de conhecimentos e experiências entre os sujeitos diretamente envolvidos a partir de uma postura profissional aberta e flexível, considerando a diversidade do contexto local. (BARROS, 2013, p. 63-64)

Aqui apresenta-se outro contexto que é o da pedagogia da alternância, onde Barros (2013), traz uma outra dificuldade que é a relação do professor com o contexto em que atua. Aponta que os professores em questão apresentaram dificuldades em relação a cultura e a metodologia, talvez por não conhecerem o contexto e/ou ainda não apresentarem experiência em ensinar.

A pedagogia da alternância, propõe uma troca de saberes, conhecimentos, experiências, trocas essas essenciais para a construção de conhecimento dos alunos e dos professores. Mais uma vez a interculturalidade está presente neste contexto.

A pesquisa de Silva(2018), analisou um conjunto de estratégias de alfabetização oferecido aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, na Amazônia, através das formação e prática docente desenvolvida pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) nos 62 municípios do estado do Amazonas, com foco na prática docente com os órfãos das letras na Tríplice Fronteira Amazônica Peru-Brasil-Colômbia, sob a ótica dos sujeitos curriculares e gestores públicos no período de 2003 a 2010. Fez uma pesquisa de abordagem qualitativa.

O foco da pesquisa atravessou a fronteira geográfica desnudando a fronteira cultural, com recorte no currículo possível construído junto aos órfãos das letras do Programa de Letramento Reescrevendo o Futuro (PLRF). Os sujeitos foram ribeirinhos, indígenas, pescadores, povos da floresta e comunidade carcerária, que participavam do Projeto Órfãos das letras.

Considerou que a proposta de extensão em letramento da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), para formação de educadores e órfãos das letras, em que pese os resultados positivos para a educação no Amazonas e inserção de jovens e adultos no ensino oficial e, educadores prosseguindo na construção de novos conhecimentos com especializações, mestrados e até doutorado, a política para a EJA precisa avançar na perspectiva da educação popular libertadora, precisa ser fecundada por meio de situações problema e análise de possibilidades e limites, características de uma região de fronteira e amazônica.

Para Silva (2018), a prática docente transformadora deve ser usada para diminuir as desigualdades sociais, respeitar as diferenças e e dá acesso aos bens culturais. Para a autora, o diálogo entre os especialistas, os educadores, podem revelar seus fa-

zeres, sabres e ressignificar o que pensam, o que dizem e o que sabem.

Já Carvalho (2012), em seu artigo, apresentou os argumentos sobre a relação entre currículo, discurso e subjetividades multidimensionais, pretendemos. Realizou uma análise dos processos de subjetivação do sujeito da educação de jovens e adultos na perspectiva intercultural, enfatizando o eixo pedagógico desse discurso e a regra de normatização do sujeito da interculturalidade.

A autora considerou importante a aproximação à construção de uma pedagogia na perspectiva da interculturalidade, que problematize o saber/ser do sujeito coletivo/multicultural. Para ela se justifica pelos riscos de estarmos a pedagogizar a diferença, isto é,

De estarmos novamente a fazer embalagens bem iguais, bem quadradas, e, nelas, também colocarmos os sujeitos sociais e culturais; daí a necessidade de mantermos uma vigilância ética, estética e epistemológica em relação aos nossos próprios discursos. (CARVALHO, 2010, p. 59).

Defende que devemos considerar aspectos como: a concepção da linguagem; a historicidade dos recursos; a desnaturalização dos discursos; a reflexão da teoria ; as relações de poder-saber-ser como indicativos da produtividade no campo educacional; um currículo com um campo de estática, ética e da política; para debatermos um currículo intercultural.

Buscamos também no documento Retratos da Eja em São Paulo (2020), que traz um retrato da EJA no município e apresenta as histórias e os saberes dos professores e alunos deste contexto. Apresentam um espaço intercultural no CIEJA da Escola Emílio Vanzolini, pois neste contexto falar de alunos é falar de pessoas com suas histórias, conflitos, vivências, experiências e saberes.

Para Ruotolo (2020, p. 54), os alunos do CIEJA são:

Pessoas que trazem em suas histórias, vivências de abandono, abuso, necessidade de deixar o ensino regular para trabalhar, bullying, violência, mulheres que foram impedidas de estudar por atitudes machistas de pais e/ou companheiros, preconceito, transfobia e tantas outras fobias relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual.

Enquanto sujeitos de direitos e culturas, e que a escola precisa ser um espaço de acolhimento e respeito as diversidades. Precisa construir os espaços de inclusão, assim, para Ruotolo (2020, p. 54), a escola deve planejar e desenvolver,

Ações de inclusão e diálogo, respeitando a cultura e os saberes adquiridos em suas vivências são parte do cotidiano escolar. Essas ações favorecem o estabelecimento de relações de respeito e confiança na comunidade escolar e, conseqüentemente, na resolução de conflitos. Para incluir os excluídos é preciso ter a sensibilidade de encontrar a melhor forma de acolhê-los.

A escola precisa constituir-se em um espaço de acolher essas culturas e desenvolver a interculturalidade.

A relações entre currículo a cultura e suas interrelações, estão presentes no cotidiano docente. Trabalhamos na EJA, com sujeitos excluídos por muito tempo, a margem das políticas públicas, mas sujeitos de saberes, de experiências, de culturas. A escola é espaço de acolhimento destas culturas, de respeito as diferenças e de construção de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de apresentarmos o mapeamento das pesquisas realizadas com a temática da interculturalidade no contexto da educação de jovens e adultos, no período compreendido entre 2010 a 2020, nos últi-

mos dez anos, e o debate que sendo realizado sobre a interculturalidade na Eja, por considerarmos u importante no tocante ao contexto da educação dos jovens e adultos.

Calhamos que apesar de existir muitas pesquisas no âmbito da educação de jovens e adultos, quando relacionamos a interculturalidade encontramos um número muito ínfimo de apenas quinze pesquisas, realizadas nos últimos vinte anos, o que se constitui ainda insipiente para a sua relevância.

A realização desse estudo foi importante, pois nos possibilitou conhecer as pesquisas desenvolvidas no Brasil tendo como objeto de estudo a educação de jovens e adultos e a interculturalidade que se constitui no contexto da educação. Nesse sentido, conhecer essas pesquisas nos chamaram a atenção não apenas para a pequena quantidade de pesquisas, mas também sobre a importância de abordarmos as questões culturais e interculturais neste contexto de educação, com sujeitos de direitos e de culturas diversas.

As pesquisas nos apontam o quanto é primordial trabalharmos no contexto da EJA, a cultura, as relações interculturais, o respeito a diversidade em que vivemos, as culturas que produzimos e que consumimos.

Identificamos que as ênfases e tendências nos estudos recentes estão ligados a formação do professor para trabalhar a interculturalidade em seus contextos de atuação, assim como ao trambalhamos com a interculturalidade nos contrapomos a homogeneização cultural. Cabe ao professor se opor as desigualdades sociais, ao preconceito. Aparecem relacionadas a disciplinas como: geografia, linguística e línguas estrangeiras, como se as demais disciplinas estivessem fora deste contexto. A interculturalidade é também interdisciplinar.

Identificamos que cabe a escola, trabalhar em prol de diminuir as desigualdades sociais, respeito as diferenças e proporcionar o acesso aos bens culturais e diversos, promovendo a emancipação do cidadão.

As pesquisas realizadas na sua maioria são de abordagem qualitativa e fizeram uso dos procedimentos de revisão bibliográfica, observação em lócus, entrevistas.

Já as temáticas versam sobre a formação do professor para trabalhar com esta temática na sala de aula, e/ou projetos e atividades desenvolvidas no contexto da EJA, que envolvem as relações intercultural, como instrumento de respeito, acolhimento e cidadania, e a formação do professor para debater a cultura e a interculturalidade dos sujeitos no âmbito da escola.

Trazem como contribuições como pensar as diferenças para além da sala de aula, buscar trabalhar as relações interculturais, como processo de construção de conhecimento, de valorização dos saberes, de respeito ao ser humano.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. M. de. **Os significados culturais de uma professora de EJA e seus alunos de língua inglesa: um olhar etnográfico.** 2016. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BARROS, George Sterfson. **Educação Profissional em Regime de Alternância na Comunidade Indígena do Guariba,** no Estado de Roraima. 2013. [74 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ.
- ARROYO, M. G. Assumir nossa diversidade cultural. In: **Revista de Educação da AEC**, nº 98, ano 25, Brasília, jan/mar de 1996, p.42-50.
- BOSCO, Débora de Macedo Cortez. **Educação de jovens e adultos: dos discursos de alunos evadidos à construção de uma proposta pedagógica e intercultural com as linguagens.** 217 p. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2015.
- CANDAU, V.M.F. I. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): Uma aproximação. **Educação & Sociedade.** Ano XXIII, n. 79, p. 125-161. Agosto/2002.
- CANDAU, V.M.F.; MOREIRA, A. F. Educação escolar e cultura(s): Construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156 – 158, mai.– ago. 2003.
- CANDAU, V.M.F. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: Moreira, A. F. e Candau, V. (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. P. 13-37.
- FREIRE, P.; Faundez A. **Por uma pedagogia da pergunta.** São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- HENNICKA, Micheli Daiani. **YOUTHS AND ADULTS EDUCATION - A FREIREAN PERSPECTIVE AND INTERCULTURAL.** 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.
- KRAMSCH, C. **Language and Culture.** Oxford: Oxford University Press, 1998.
- PERES, A. **Educação intercultural: Utopia ou Realidade?** Porto: Profedições, Lda/Jornal a Página, 1999.
- ROTOULO, Maria Adélia Gonçalves. O que você é? eu sou uma pessoa! In: **Retratos da EJA em São Paulo – Histórias e Relatos da prática.** São Paulo/SP: SME/COPEd, 2020, 49-57.
- SILVA, Danielli Manfré da. **O Ensino de geografia na educação escolar indígena: reflexões com base na Escola Municipal Indígena Nandajara pólo em Caarapó (MS).** 2016. 122 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2016.
- SILVA, Maria de Nazaré Corrêa da. **Órfãos das letras no contexto Amazônico: memórias de uma prática docente em EJA na Tríplice Fronteira Brasil-Peru-Colômbia.** 2018. 212 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. UNESCO, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em nov. 2020.

VIEIRA, Diana Sayão. **Educação de Jovens e Adultos e Pluralidade Cultural**: a realidade de um Colégio Supletivo de Ensino Médio. 2011. 132 f. Dissertação (Dissertação em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ

VIEIRA, R. Mentalidades, Escola e Pedagogia In-

tercultural. In: **Educação, Sociedade e Culturas**, n.º 4, p.127-147, 1995.

VÓVIO, V.L. Alfabetização de pessoas jovens e adultas: outras miradas, novos focos de atenção. In: SAMPAIO, Mariza Narciso; ALMEIDA, Rosilene Souza (Org.) **Práticas de Educação de Jovens e Adultos**: Complexidades, Desafios e Propostas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p.65-89.

Recebido em: 03/12/2020

Aprovado em: 05/02/2021